

Apresentação

À crescente valorização do estatuto da informação, pelo menos desde o final do século XIX, articularam-se diferentes momentos de seu exame, uso e entendimentos. Pode-se dizer que a trajetória das interrogações e respostas sobre a informação co-responderam, no sentido de que responderam juntamente e em cada tempo, aos modos de sociabilidade, de produção e distribuição de bens e conhecimentos, às inovações tecnológicas e ao pensamento filosófico. A afirmação de Nietzsche (1994, p. 100, tradução livre nossa) de que "[...] só se pode definir o que não tem história", parece indicar, como no caso da informação, uma historicidade própria dos conceitos, que condensam, apresentam e ocultam disputas de construção de realidade por significações.

As inovações no campo da comunicação, computação e eletrônica no pós-guerras trouxeram ao termo "informação" um estatuto de destaque que de certo modo resultava de sua valorização pela ciência, sua potência e velocidade pela tecnologia, seu alcance no controle político-social e seu papel de recursos econômico e de monitoramento de mercado, ou seja, de objeto disponível para uso humano. Mas é também no século XX que a chamada "virada linguística" na filosofia abriria a possibilidade de estudos da informação, em reflexões filosóficas, como fenômeno humano da linguagem, como construto e construtora de realidade social.

Pode-se dizer que, como em outros tempos, contemporaneamente a conceituação de informação co-responde a seu tempo, compreendendo diversidade e interlocuções em suas significações e onde sua dupla face "de humanos" e "para humanos", lança questões, para além de suas possibilidades técnicas, de cunho ético e político, em todas as esferas da vida.

O segundo número da *Logeion* conta com cinco artigos em que os aspectos da informação para os humanos e do humano na informação se articulam em indagações e propostas nos fazem pensar que o entendimento, conceito e significações da informação, num sentido do "ser" da informação, co-responde a seu tempo e, daí, não escapam às interrogações e proposições éticas, políticas e de poder que se nos colocam os autores neste número.

Harry Kunneman, pesquisador e professor da Universidade de Estudos Humanísticos de Utrecht, propõe um caminho para o que denomina de "estudos humanísticos da informação", visando articular os estudos tecno-científicos da informação, enquanto fenômeno de transformação social, com uma reflexão crítica sobre os aspectos éticos e políticos atrelados a esta mesma dinâmica. Kunneman considera que a proposta de alguns autores de um Modo 3 do conhecimento abre um



interessante caminho ao introduzir, para além dos já identificados intervenientes e legitimadores no caminho e produção do conhecimento - pesquisadores, estado, sistema económico -, um contrapoder enraizado em comunidades e em recursos culturais locais. Trata-se de uma zona transicional constituída por instituições e organizações profissionais que medeiam, no sentido habermasiano, as divergências entre a lógica dos sistemas com seus interesses técnicos políticos e económicos e a lógica do mundo da vida. Esta zona de transição que vem aos poucos se constituindo é, do ponto de vista do autor, um lugar privilegiado para o florescimento dos estudos humanísticos da informação, que podem favorecer às práticas comunicativas e dialógicas entre sistemas e mundo da vida. Sua proposta de aproximação coloca aos profissionais da informação a pergunta sobre o papel da mediação, não como uma ponte para transferir de um lado a outro, mas como negociação de conflitos que o termo também sugere.

O segundo artigo, do pesquisador e professor do IBICT, Clóvis Ricardo Montenegro de Lima, focaliza o papel da comunicação e da informação em um dos aspectos mais fundamentais da vida, a saúde, ou a falta dela. Seu relato de experiências no campo da saúde apresenta e indaga sucessos e insucessos no modo de articulação de três diferentes lógicas: a do saber médico, da administração das organizações de saúde e a dos pacientes. A lógica médica encontra-se primeiramente mediada por modelos científicos e administrativos, que esvaziam a sua dimensão humana. A informação e o agir comunicativo (no sentido habermasiano), são apresentados, em casos de relato, como fundamentais neste processo, permitindo a reconstrução não apenas da racionalidade médica, mas de ações éticas e de políticas públicas. Nos casos relatados, observou-se que o aumento da complexidade nestas organizações correspondeu à abertura do espaço onde se produziu e reproduziu a humanidade daqueles que ali trabalham, expresso por suas falas, argumentos e práticas de organização. Assim, o artigo põe em relevo a informação em seu aspecto discursivo, linguístico, dialógico, portanto humano, ao lado, e não contra, à informação técnica.

O artigo de Ronald Day, pesquisador e professor do Departamento de Informação e Ciência Biblioteconômica da Universidade de Indiana, que analisa os discursos dos ativistas Aaron Swartz e Queen Norton, que chama de "espírito da informação", em contraposição à tradição documentária da modernidade ocidental, fundada na noção de representação em documentos (metafísica), como conteúdos em continentes. Para Day, a expressão "liberdade", presente em discursos revolucionários em toda modernidade, no discurso destes ativistas pode ser entendida como uma demanda pós-documentária (ou anti-documentária), onde a Internet aparece como um

lócus de oposição a instituições modernas, notadamente o Estado. Analisando o Estado moderno não apenas como fundado em uma realidade documentária, mas sendo ele próprio documental, Day contrapõe a noção da Internet dos ativistas, como lugar onde as dinâmicas de expressão não visam conter ou chegar a uma representação estável ou a uma verdade, com a de conteúdo e continente típicos da documentação e do Estado modernos. Se modernamente cada um é cidadão de um Estado, a Internet seria um lugar fora de controle no sentido de sem limites (dinâmica) e não controlável, portanto, não seria documento (continente e conteúdo), mas expressões. As inúmeras indagações que fecham o artigo abrem caminhos para repensar o que entendemos por informação, o que ignoramos como informação pela tradição documental e indagar, daí, o que o campo da Ciência da Informação tem examinado pouco, ou mesmo deixado do lado de fora de suas investigações, quando fala de informação.

O artigo de Miguel Angel Rendón Rojas, professor e pesquisador do Instituto de Investigações Biblioteconômicas e da Informação, da Universidade Nacional Autônoma do México, dedica-se a apresentar, a partir de uma fundamentação lógico-dialética o próprio campo. Partindo da categoria primitiva de documento, que contém todas as contradições, infere os demais elementos, considerando, entretanto, que não há uma síntese, um final de movimento (como em Marx ou Hegel), uma vez que a realidade encontra-se historicamente em continua construção. Na relação entre o documento, material e concreto, como objetivação (sócio-histórica) das informações (imateriais e abstratas), e as subjetividades que a buscam, o profissional da informação deve ser também um partícipe na construção do conhecimento. A análise dialética evidencia a satisfação do usuário como essência da Biblioteconomia, que aparece nos serviços oferecidos pelas realidade concreta que é o Sistema Informativo Documental. Numa perspectiva epistemológica, o autor nos sugere a centralidade do documento, tanto conceitual quanto primeiro nas tarefas constitutivas da biblioteconomia, mas aponta como objeto de estudos do campo o Sistema Informativo Documental.

O artigo de Marcos González, tecnologista do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, parte da linguística sociocognitiva para examinar a terminologia predominante na CI, *vis-à-vis* aos entendimentos do "senso comum" apontando o conceito de informação como conteúdo transmissível por um canal como uma maneira mecânica de indicar a comunicação, que está presente há muitos séculos no senso comum. Num segundo momento, em que aprofunda suas análises a partir de mapeamento da conexão entre os domínios de origem (concreto) e o domínio alvo (mais abstrato) das metáforas, coloca dúvidas acerca da universalidade ou não

da metáfora do canal, perguntando: "[...] que tipo de contexto histórico seria capaz de motivar uma crença como essa, 'mecanicista' e 'desumanizadora'?". Considerando que no mundo ágrafo a comunicação não separava palavras de pessoas, suas pesquisas indicam que a noção de conteúdo estaria associada ao deslizamento de sentido decorrente da passagem da primazia da oralidade para primazia da escrita. Sua origem humana se enfraqueceu quando não mais o homem, mas o texto, passou a ser entendido como portador de mensagens, conteúdos. Se a primazia do escrito enfraquece a origem humana da informação, o que será de nossa humanidade quando a escrita de próprio punho é substituída por uma versão digital? As questões do autor, apontando a um às vezes esquecido "humano na informação" recoloca-nos a questão, também implícita em outros autores deste número, da informação não documental (expressão para Day) e suas relações (para uns de consequência, para outros de origem) com a informação documental.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogía de la moral**. [s.l.] España: M.E. Edictores, 1994 (Classicos de siempre).